


The potential of the podcasting for journalistic sound narrative - the case of the "Violeta" podcast

Potencialidades do podcasting para a narrativa sonora de cariz jornalístico – o caso do podcast “Violeta”

Luís Bonixe*

*  CARE - Centro de Investigação em Saúde e Ciências Sociais. Instituto Politécnico de Portalegre. luisbonixe@ippportalegre.pt

Abstract

As a narrative of reality, journalism uses language to reconstruct the events it reports. For decades, the audio reconstruction of reality was limited to radio journalism, but with a new media ecosystem, sound has become more present in media products. Podcasts are a case in point, with significant growth in consumption in recent years. Podcasts have potential that can be harnessed by journalism, enabling the creation of investigative reports that use sound resources in a digital environment and that present themselves to listeners as more creative and immersive offerings, without neglecting the rigour required in journalistic work. The article analyses the "Violeta" podcast produced by TSF, which uses innovative structural and presentation models and is suggested as an example of how podcasting can be used to produce investigative journalism.

Keywords: Podcast, Radio, Sound narrative, Journalism

Resumo

Enquanto narrativa do real, o jornalismo faz uso da linguagem para reconstruir os acontecimentos que relata. Durante décadas, a reconstrução sonora da realidade esteve limitada ao jornalismo radiofónico, mas com um novo ecossistema mediático, o som passou a estar mais presente nos produtos mediáticos. O podcast é disso um exemplo, tendo registado nos últimos anos um crescimento significativo no seu consumo. O podcast tem potencialidades que podem ser aproveitadas pelo jornalismo, permitindo a criação de reportagens de investigação jornalística que utilizem recursos sonoros num ambiente digital e que se apresentem para os ouvintes como ofertas mais criativas e imersivas, sem descuidar o rigor pretendido nos trabalhos jornalísticos. O artigo analisa o podcast “Violeta” produzido pela TSF que utiliza modelos de estrutura e apresentação inovadores e que é sugerido como um exemplo de como o podcasting pode ser utilizado para a produção de trabalhos de investigação jornalística.

Palavras-chave: Podcast, Rádio, Narrativa sonora, Jornalismo

Introdução

Num novo ecossistema mediático, a comunicação sonora ganhou novas formas, renovadas e remediadas a partir do meio radiofónico que lhe deu origem: a rádio. Embora fazendo uso da expressividade sonora baseada na palavra, nos sons de ambiente, na música e no silêncio, emergem novos formatos de

comunicação áudio sobretudo no contexto digital, que possibilitam o aproveitamento de novas potencialidades a partir da sua génese sonora.

Esta renovação da comunicação sonora elevou a sua importância relativamente aos seus usos culturais e sociais com o aparecimento de um conjunto de produções que utilizam a comunicação como a sua base expressiva. As mensagens por voz no WhatsApp, os assistentes de voz de serviços telefónicos, a pesquisa por voz na Internet ou as experiências de inteligência digital na rádio e na Internet com base no som ou o som binaural, espacial e imersivo, entre outras formas de comunicação por áudio digital, têm aumentado o leque de possibilidades criativas utilizando a comunicação sonora em vários campos de produção, incluindo o jornalismo.

O podcast é, no conjunto destas novas possibilidades de comunicação sonora, aquele que tem registado maior popularidade junto das audiências, quer no que diz respeito à produção, quer ao consumo. Os seus baixos custos e facilidade técnica e tecnológica de produção, a portabilidade e liberdade criativa ajudam a explicar o sucesso desta ferramenta (Lindberg, 2019).

Não é, por isso, de estranhar, que plataformas como o Spotify, Google ou Apple se tenham interessado por esta ferramenta digital, bem como não é de estranhar que empresas de várias áreas, incluindo os meios de comunicação, tenham passado a utilizar o podcast para aumentar a sua oferta de produtos jornalísticos e, assim, expandir a sua marca (Martínez-Costa; Amoedo-Casais; Moreno-Moreno, 2022).

Em Portugal, o primeiro podcast terá surgido em 2005 (Autor, 2021) em contexto amador. Os principais meios de comunicação portugueses começaram a disponibilizar conteúdos utilizando esta ferramenta em 2006, entre jornais, televisões e rádios. A TSF, a rádio portuguesa cujo podcast analisamos neste artigo, começou a utilizar este formato no mesmo ano, disponibilizando seis programas de rádio. Ainda em 2006, criou o primeiro programa de rádio para debater a emergência do podcast em Portugal e no mundo, chamado "Rádio.com" e que era apresentado pelo jornalista João Paulo Menezes. Atualmente, a TSF disponibiliza dezenas de podcasts, a maior parte deles resultam de programas emitidos em primeiro lugar na rádio, mas há também muitos que são nativos.

No campo do jornalismo, o podcast é visto por vários autores como um novo espaço para a renovação do jornalismo sonoro, sobretudo por ser encarado como uma nova forma, inovadora, de atingir novas audiências e simultaneamente possibilitar a distribuição de um conjunto alargado de novos formatos noticiosos, desde os sumários breves de informação diária a séries narrativas e de investigação (Katzenberger, Keli & Wild, 2025; Bird, 2025, Meier et. al. 2022).

Em 2023, a TSF criou um podcast de investigação jornalística, denominado "Violeta", que utiliza um conjunto de estratégias próprias da narrativa sonora nos sete episódios da série, criando um modelo de apresentação sequencial entre os episódios que se inspira nas séries de ficção (Kischinhevsky, 2018). Da forma como é apresentado, o podcast procura criar proximidade com o ouvinte, estimulando a sua escuta através dos muitos teasers que cria nos episódios e, apesar de ser um trabalho jornalístico, inverte o modelo de apresentação da informação típico das notícias, em que o desfecho é apresentado logo no início deixando os detalhes para o final, seguindo o modelo clássico da pirâmide invertida. No podcast "Violeta" este modelo é invertido com o propósito de gerar curiosidade e fidelização por parte do ouvinte.

No presente artigo, partimos do pressuposto sugerido por vários autores (Katzenberger, Keli & Wild, 2025; Bird, 2025, Meier et. al. 2022; Piñeiro-Otero e Pedrero-Esteban, 2022, Bonini, 2015) de que o podcast renova

o jornalismo sonoro e, nesse sentido, pretendemos analisar o podcast português de investigação jornalística disponibilizado em série tendo como eixos de análise as seguintes questões:

Q1 - Que características do trabalho jornalístico encontramos no podcast em análise?

Q2 – Existem evidências de uma narrativa construída a partir de uma lógica de seriado?

Q3 – Qual o papel do jornalista no podcast?

Q4 – Que elementos da linguagem sonora são adotadas no formato podcast?

O artigo que apresentamos procura, assim, perceber em que medida o podcast pode representar uma nova forma de trabalho de investigação jornalística, utilizando para isso estratégias de narração do real baseadas na comunicação sonora e adotando modelos importados de narrativas de ficção.

Quadro teórico

Durante décadas a rádio, teve para si a exclusividade da construção acústica da realidade através do jornalismo. Fazendo uso da expressividade radiofónica, a palavra falada, os sons de ambiente, a música e o silêncio (Balsebre, 2004), a rádio constrói um mundo acústico, já que, tal como refere Murray Shaffer no seu clássico "The New Soundscape", "anything in our world that moves vibrates air" (Shaffer, 1969, p.4). Enquanto meio de comunicação exclusivamente sonoro, (referimo-nos naturalmente à rádio tradicional, não contagiada pelas novas formas da Internet) na rádio é o som que estabelece com o ouvinte uma relação comunicativa (Autor, 2012, Soengas, 2003).

A narrativa sonora jornalística é, pois, fortemente condicionada pela utilização dos elementos expressivos que compõem a comunicação através do som. Essa aquisição de códigos próprios começou por ser feita nas obras de ficção difundidas pela rádio, nas quais o ritmo da locução, a cadência, o tom da voz, a estética e a sua conjugação com o universo sonoro pretendiam criar histórias, sugerir emoções criando aquilo a que se convencionou chamar de imagens sonoras. Se a comunicação sonora quando utilizada em obras de arte pode ser mais criativa e livre, no caso do jornalismo o cerco aperta no que se refere à utilização de sons que traduzam e reconstruam a realidade, tal como nota Eduardo Meditsch:

(...) se a arte radiofónica comporta uma polémica sobre a preponderância de um ou outro elemento sonoro na linguagem do meio, no conteúdo da rádio informativa a música, os ruídos e o silêncio exercem um papel claramente subsidiário em relação à palavra (Meditsch, 1999, p. 173).

Xosé Soengas (2003) identifica três funções dos sons no discurso jornalístico da rádio: 1) Informativa, pois ajuda a compreender o conteúdo da informação, facilitando a sua decodificação, 2) Referencial, uma vez que estabelece a ligação dos ouvintes ao espaço geográfico reportado e 3) Expressiva, pois é através dos sons que o ouvinte recebe sensações que o ajudam a assimilar aspetos conotativos próprios das mensagens. Para que este processo ocorra é preciso considerar dois espaços distintos: o real e a audiência.

Assim, o jornalismo sonoro assenta nos sons que retratam a realidade e aos quais se adiciona um elemento extra condicionador de toda a ação jornalística no meio radiofónico: o tempo. Significa, por isso, que na rádio a construção sonora da realidade está condicionada pelo tempo disponível para a produção e difusão das peças radiofónicas e, por essa via, é o tempo que condiciona a recolha desses sons e a disponibilidade temporal para a sua difusão (Bonixé, 2012). A reconstrução da realidade sonora depende, deste modo, da

conjugação dos elementos expressivos baseados no som (a palavra, os sons de ambiente, a música e o silêncio) quando harmoniosamente combinados num contexto de gestão temporal próprio do meio radiofónico.

Mas se, tal como afirmámos, durante décadas a comunicação sonora de teor jornalístico esteve limitada ao meio rádio, o cenário atual, no século XXI, é significativamente diferente. Para além da rádio tradicional, aquela que se ouve nos aparelhos de rádio e que tem o seu discurso discorrido temporalmente no éter, existem hoje várias outras formas de comunicação sonora que produzem conteúdos jornalísticos e, nesse sentido, reconstróem a realidade partindo da expressividade sonora e baseada em códigos e regras jornalísticas.

Piñeiro-Otero e Pedrero-Esteban (2022) justificam assim esta alteração no ecossistema mediático sonoro:

La diversificación de formatos y dispositivos, así como la convergencia de medios-pantallas, ha incentivado el surgimiento de formas y contenidos sonoros inéditos que expresen el potencial y las funcionalidades de los terminales-receptores para brindar experiencias más inmersivas e interactivas (Piñeiro-Otero e Pedrero-Esteban, 2022, p.2).

O formato que tem gerado maior popularidade junto das audiências é o podcast. Na sua génese, surgiu em 2004 com o propósito de criar uma alternativa à escuta dos programas de rádio. Era intenção de Dave Winner e Adam Curry que mediante um código (RSS) fosse possível descarregar um conteúdo áudio para um aparelho de escuta de som (iPod) e, por essa via, os indivíduos teriam a possibilidade de escutar o conteúdo sonoro onde e quando pretendessem.

O podcast renova a comunicação através do som, utilizando a expressividade sonora (palavra, música, sons de ambiente e silêncio), mas libertando-se dos condicionalismos impostos pela dimensão temporal. O podcast, enquanto ficheiro áudio, não tem um tempo de duração de difusão, nem um horário pré-definido para a sua disponibilização numa grelha de programação, necessariamente existente numa estação de rádio. O podcast, ainda que o seu aparecimento seja do início do século XXI, representa hoje o expoente máximo da renovação da importância do som e do áudio enquanto elemento representativo da realidade no contexto dos chamados novos media. Tal como referem Piñeiro-Otero e Pedrero (2022) existem hoje várias formas sonoras no espaço comunicativo, mas é o podcast que aparece como a ferramenta sonora que conheceu uma maior expansão nos últimos anos. Dados do Digital News Report Portugal 2024 revelam que em Portugal, 42% dos respondentes ao estudo referiram que escutaram um podcast no mês anterior. Estes dados colocam Portugal entre os cinco países, a par da Noruega, com maior utilização deste formato. O mesmo estudo indica que o consumo de podcasts aumentou em 2024, comparando com o ano anterior, em todas as faixas etárias, com destaque para os indivíduos entre os 45 e os 54 anos, tendo aumentado 7 pontos percentuais face a 2023 (Cardoso, Paisana & Pinto-Martinho, 2024, p. 101)

A sua facilidade de produção, com custos reduzidos e tecnicamente cada vez mais facilitada, começou por atrair produtores independentes e amadores (Bonixe, 2021), mas nos últimos anos tem apelado a um conjunto alargado de novos *players* dos mais variados setores de atividade permitindo a utilização de podcasts de diversos setores da sociedade e de atividade (Katzenberger, Keli & Wild, 2025; Paisana, Cardoso & Couraceiro, 2024). Atualmente, proliferam entre outros, podcasts de educação, ciência, saúde ou de humor, para além, de podcasts jornalísticos cujo crescimento se justifica pela inovação, quer naquilo que a própria

ferramenta significa para o ecossistema mediático, quer no que representa para o jornalismo (Meier, Schützeneder, García-Avilés, Hernández & Pastor, 2022).

O podcast "Serial" é visto como um marco importante na história dos podcats jornalísticos. Trata-se de um conjunto de episódios onde se conta, recorrendo a uma narrativa sonora, a história de um assassinato de uma jovem estudante nos Estados Unidos da América. "Serial" significou um importante marco na história do podcast na medida em que, para além do seu sucesso retirou esta forma de comunicação sonora de uma atividade de nicho para a transformar numa plataforma de media (Berry, 2015) e forneceu fortes indicadores do modo como pode ser potenciada para o uso jornalístico, criando uma nova linguagem, inovando no formato e na estética sonora, para além de revelar a existência de um público (Piñeiro-Otero & Pedrero-Esteban, 2022). Dylan Bird (2025) sustenta que o podcast "Serial" inspirou um conjunto de outros podcasts que se caracterizam pelo tratamento de assuntos públicos a partir de uma perspetiva pessoal e subjetiva. Embora não sendo pioneiro, pois na verdade já existiam outros projetos de jornalismo em formato de podcast anteriores a "Serial", a verdade é que encetou uma nova forma de olhar para o jornalismo sonoro. Partindo da experiência de "Serial", Bonini identifica uma nova era do podcasting, transformando-o numa indústria e libertando-se do seu cunho exclusivamente amador, que está na sua génese, tornando-se alvo da cobiça das grandes plataformas de disponibilização de conteúdos áudio, como sejam o Spotify.

Refere Bonini, a este propósito:

What is happening to podcasting, 11 years after its invention, is its transformation from a do-it-yourself, amateur niche medium to a commercial mass medium: from narrowcasting to broadcasting. This invention, which has been adopted by citizens as a tool for self-expression and by public services as an additional channel for serving its license-fee payers and donors, has now definitively entered the market, following the same history as radio when broadcasting over the airwaves was adopted by American corporations and transformed into a commercial activity (Bonini, 2015, p. 27).

Sem um vínculo tão forte ao imediatismo, ao direto e à atualidade, como sucede com a produção jornalística na rádio, a comunicação sonora de cariz jornalístico no podcast ganha outras potencialidades ao conseguir gerar formatos baseados em produtos de maior duração e com recurso a uma elaboração mais criativa e esteticamente inovadora do ponto de vista da edição sonora, do cruzamento de versões testemunhais, e da criação de contextos ambientais com recurso à expressividade sonora, como a música, os silêncios e os sons de ambiente. Deste modo, o podcast tem, assim, a capacidade para gerar uma experiência imersiva, próxima e mais aprofundada das temáticas abordadas pelos jornalistas.

(...) su carácter digital y pregrabado ha permitido el desarrollo de productos más elaborados que juegan con la voz, música, efectos sonoros y silencio, pero también con el montaje, la edición y la combinación de archivos y fuentes para proponer diferentes maneras de contar, de expresarse, de narrar (Piñeiro-Otero & Pedrero-Esteban, 2022, p. 4).

É neste ponto que julgamos ser relevante o cruzamento das produções jornalísticas baseadas no som com a prática de um jornalismo narrativo.

No seu contributo para explicar por que as notícias são como são, Nelson Traquina (2001) refere que o jornalismo resulta numa construção social da realidade, seguindo contribuições de anteriores autores (Tuchman, 1978; Schudson, 2003). Nessa perspetiva, o jornalismo é o resultado de um processo de seleção de acontecimentos e, dentro deste, de detalhes e aspetos, do cruzamento de fontes de informação e das opções tomadas pelos jornalistas para difundir a informação. Ao dar destaque a determinados eventos e não a outros, os jornalistas estão a sinalizar a importância relativa desses acontecimentos para as audiências e, com base nisso, os indivíduos irão perceber a realidade de modo distinto. Nesta linha de pensamento, as notícias são consideradas “estórias” e narrativas “marcadas pela cultura dos membros da tribo e pela cultura da sociedade onde estão inseridos, sendo necessário mobilizar todo um saber de narração que pressupõe a aprendizagem da linguagem jornalística (...)” (Traquina, 2001, p. 52-53).

Seguindo esta perspetiva, as narrativas sonoras da realidade são construídas no meio radiofónico numa base temporal, vinculada à atualidade e à temporalidade de uma emissão de rádio. Mas, no atual contexto mediático, com a emergência de outras formas de produção e disponibilização de conteúdos áudio, como o podcast, é possível construir narrativas baseadas no som, de cariz jornalístico, e que possibilitem experiências mais imersivas e obedeçam a modelos mais criativos e esteticamente mais atraentes.

Luana Viana (2021) propõe 7 elementos que contribuem, segundo a autora, para uma experiência imersiva através do som. Assim, 1) a humanização, valoriza as personagens do quotidiano e criar proximidade com o ouvinte; 2) a fala do jornalista/apresentador em primeira pessoa e direcionada ao ouvinte na medida em que estabelece uma relação de diálogo e laços de intimidade; 3) a condução emocional da história, que ocorre através da utilização dos elementos da linguagem radiofónica; 4) o uso de excertos sonoros como sejam as vozes das personagens e que substituem as aspas no jornalismo impresso; 5) a descrição das cenas retratadas e dos locais do acontecimento, contribuindo para que o ouvinte consiga guiar a sua imaginação para o mais próximo possível da realidade; 6) A ambientação do local sobre o qual se fala ou de onde se fala por meio da paisagem sonora real, gravada in loco e 7) O metajornalismo, ou a autorrepresentação do jornalismo – dessa forma, o ouvinte pode conhecer mais a fundo o processo de apuração e os bastidores da produção da informação e gravação dos podcasts e, como consequência, compreender porque algumas escolhas são feitas em detrimento de outras durante a produção (Viana, 2021, p. 15).

Enquanto narrativa, o jornalismo cria “estórias”, retrata personagens, sinaliza heróis do quotidiano partindo do espaço real, não ficcionado, e seguindo os códigos próprios da profissão, seja da sua linguagem, da sua técnica ou éticos e deontológicos. No caso do podcast, estas narrativas são construídas com as sonoridades que resultam das fontes, dos ambientes e dos cenários.

O casamento entre jornalismo e podcasting é assim justificado pela exploração de novos formatos, novas formas de acesso e modos de produção de reportagem e storytelling. Enquanto espaço para a produção jornalística, o podcast assume diferentes modelos, desde os episódios diários de informação até às séries de investigação.

Podcasts supplement traditional media in the way content is presented, utilizing novel, immersive storytelling techniques that are particularly well suited for comprehensive and in-depth background reporting and therefore enhance or complement traditional reporting. In their

storytelling, podcasts use techniques such as subjective perspectives, personalization, self-reflexivity, contextualization and transparency (Schluetz in Katzenberger, Keli & Wild, 2025, p.2).

Metodologia

“Violeta” é um trabalho jornalístico de investigação em vários episódios transmitidos na programação da rádio portuguesa, TSF, e disponibilizados em formato podcast no site da mesma emissora e na plataforma Spotify (<https://open.spotify.com/show/0vNegREfbxXqufFr2wyHxS>). Inicialmente previsto para apenas seis, a série acabou por ter sete episódios.

“Violeta” conta a história de uma mulher transsexual cujo corpo é encontrado misteriosamente numa rua em Lisboa, depois de ter fugido à repressão de que foi alvo por parte do sistema político romeno. O jornalista Filipe Santa-Bárbara elaborou um conjunto de reportagens, todas encadeadas entre si, nas quais procura explicações para este caso, escutando ativistas, pessoas LGBTQI+ em Portugal e na Roménia, associações de defesa dos direitos desta comunidade e vários políticos. A banda sonora original e a sonoplastia são da autoria de Margarida Adão.

Trata-se de um trabalho de reportagem, de investigação jornalística e que faz uso da expressividade radiofónica para construir uma narrativa sonora que nos transporta para um enredo, real, não ficcionado, sobre a repressão a que a comunidade LGBTQI+ está, ainda, sujeita no contexto europeu.

O objetivo do presente artigo é analisar as potencialidades do podcast para criar narrativas sonoras imersivas, criativas e baseadas em modelos narrativos que tenham o som e o jornalismo como base.

Com esse objetivo, formulámos quatro questões de investigação:

Q1 - Que características do trabalho jornalístico encontramos no podcast em análise?

Q2 – Existem evidências de uma narrativa construída a partir de uma lógica de seriado?

Q3 – Qual o papel do jornalista no podcast?

Q4 – Que elementos da linguagem sonora são adotadas no formato podcast?

Nesse sentido, procedeu-se à escuta dos sete episódios do podcast “Violeta”, procedendo-se a uma análise qualitativa, identificando e desconstruindo a narrativa e o modo de construção dos episódios, isolando unidades do discurso, dos personagens e/ou do jornalista, como forma de demonstrar a existência de um modo de narração sonora distinto da rádio e potencialmente favorecido pelo podcast. Os episódios foram analisados de acordo com a sua estrutura, encadeamento da história, presença de elementos sonoros na narrativa e forma de apresentação desses elementos e papel do jornalista na narrativa.

Para a recolha de dados, tomámos como referência o trabalho de Lopez e Alves (2019) quando sugerem três variáveis de análise de podcasts narrativos:

- a) o carácter narrativo seriado, alocando a serialização como a variável central na organização de uma perspectiva multimétodo, independentemente das ferramentas acionadas nesta composição;
- b) seu carácter jornalístico – o que implica a consideração de que os podcasts em formato storytelling, embora compartilhem características narrativas, acústicas e estruturais com produções sonoras ficcionais, tratam de acontecimentos reais, alocados em temporalidades variadas e devem, portanto, ser observados sob pontos de vista específicos;

c) sua composição acústica, espinha dorsal da produção que pode ser expandida, mas que conta a história-mãe, que reforça o vínculo emocional com a audiência, que recria cenários e personifica sujeitos e relações (Lopez & Alves, 2019, p. 8-9).

Em consonância com as questões de investigação, procedemos a uma análise do conteúdo sonoro emitido com o propósito de recolher evidências presentes no podcast "Violeta" que nos permita confirmar ou infirmar as perguntas do estudo, conforme se apresenta no quadro seguinte:

Quadro I – Questões de pesquisa

Questões do estudo	Objetivos
Q1 - Que características do trabalho jornalístico encontramos no podcast em análise?	Identificação de elementos que constituem a prática jornalística tais como existência de fontes de informação, contraditório, temática real (não ficcionada) socialmente relevante.
Q2 – Existem evidências de uma narrativa construída a partir de uma lógica de seriado?	Identificação de marcas que evidenciem a presença de uma história contada em vários episódios relacionados e seguindo uma continuidade narrativa organizada em função da temática, surgimento de personagens, avanço da história em função dos episódios, construção de uma narrativa evolutiva que desvende a trama principal com vista ao seu final (Lopez e Alves, 2019).
Q3 – Qual o papel do jornalista no podcast?	Presença de um jornalista condutor da história que assegura a continuidade narrativa, que se apresenta claramente como autor de um trabalho jornalístico evidenciando o seu papel de investigador do tema, enunciando factos e confrontando fontes de informação.
Q4 – Que elementos da linguagem sonora são adotadas no formato podcast?	Presença dos vários elementos sonoros que constituem a linguagem sonora: palavra, música, sons de ambiente e silêncios; modo de articulação destes elementos para a construção da narrativa.

Fonte própria

Apresentação de resultados

A análise dos episódios da série "Violeta" confirma-nos tratar-se de um podcast jornalístico, na medida em que neles encontramos várias características do trabalho jornalístico que passaremos a referir. Ao longo dos sete episódios encontramos vários ingredientes que compõem o trabalho de investigação jornalística, com a presença de vários pontos de vista recorrendo a diversas vozes e fontes de informação, cruzando dados obtidos através de documentação e de fontes orais, que escutamos nos diferentes programas.

Não se trata, por isso, de um podcast de ficção. Tal como referem Kovach e Rosenstiel, a ficção inventa cenários para chegar a uma verdade, mas “o jornalismo concentra-se em apurar aquilo que realmente aconteceu” e por isso é uma disciplina de verificação (Kovach & Rosenstiel, 2004, p.74). Sendo um podcast de investigação jornalística, caracteriza-se por ser um “trabalho original, socialmente relevante, com o propósito de desocultar a verdade escondida” (Coelho & Silva, 2021).

Nos vários episódios, nota-se a preocupação pelas questões deontológicas da profissão de jornalista, em particular com as inúmeras referências à proteção de identidade desta mulher, como se percebe pela seguinte intervenção do jornalista, autor da reportagem:

Jornalista: Importa referir que Violeta não é o nome verdadeiro desta mulher, mas usamo-lo para proteção da identidade e por isso, nas entrevistas, também disfarçamos quando o verdadeiro nome é utilizado.

Esta prática é também utilizada em relação aos pais e irmão de Violeta, quando estes são entrevistados. O tema é tratado sob vários pontos de vista, desde a perceção do próprio jornalista que conduz a reportagem, que descreve pessoas, espaços e ambientes, passando pelos técnicos das associações e organizações de apoio à comunidade LGBTQI+. Sempre que se justifica, o jornalista recorre também a fontes oficiais que explicam e enquadram a problemática da reportagem. O tema é, assim, tratado sob o ponto de vista social, clínico e político, tendo este último aspeto uma abordagem das políticas públicas nacionais (Portugal e Roménia) e europeias.

Enquanto narrativa jornalística, o podcast “Violeta” explora a metanarrativa que lhe está subjacente, ou seja, é enfatizado o que também é designado por *news peg* (cabide) (Traquina, 2004) para enunciar um problema maior a partir de um caso concreto. A investigação jornalística do podcast foca-se no caso particular de uma mulher trans, romena, que procura ajuda em Portugal, mas onde encontra um conjunto de obstáculos que impedem que essa ajuda seja bem-sucedida. A investigação explora essa falha no sistema, ou seja, o enredo em torno da história particular de Violeta levanta um conjunto de outras questões que denunciam problemas com raiz nas políticas públicas nacionais e europeias ao nível da inclusão de pessoas LGBTQI+, tal como se depreende da seguinte intervenção do jornalista:

Jornalista: Nada correu como planeado por Violeta, mas ela vem deixar a descoberto as falhas que o sistema ainda tem. Violeta pode ser a lanterna para que se corrijam procedimentos e atitudes que estejam ainda, ao dia de hoje, errados. Mas, Violeta também vem confirmar que as histórias têm muitas camadas, mais do que aquelas que à primeira vista imaginamos (Episódio 6).

É possível dividir os sete episódios em dois grandes grupos, de acordo com a trama e enredo que lhe está subjacente. Assim, os primeiros cinco episódios estão focados no drama pessoal de uma mulher transsexual que chega a Portugal, fugida da Roménia onde não terá sido aceite pela sua condição de mulher trans. Nos primeiros episódios, percebemos quem é Violeta, que nos é apresentada quer pela voz do jornalista, quer pelas vozes dos técnicos que a acompanharam quando chegou a Portugal. Apesar de no primeiro episódio ser descrito um cenário em que um corpo de uma mulher é encontrado na rua, este aspeto não é explorado nos episódios seguintes, estrategicamente como forma de criar drama e gerar interesse na escuta dos

episódios. Só sabemos, verdadeiramente, o que se passou com aquele corpo, no episódio 5. Até lá, a investigação jornalística sofre uma inversão temporal, procedendo-se à reconstituição dos acontecimentos que conduziram àquele cenário.

O episódio 5 é, neste contexto, um momento de viragem. É nele que fechamos um aspeto da história (sabemos que Violeta morreu), mas é também nele que se inicia uma nova demanda, um novo desafio para a investigação que passa a centrar-se nas causas da morte e na burocracia que envolve o funeral de Violeta, cujo corpo só foi enterrado um ano e quatro meses após a sua morte. Os dois últimos episódios (6 e 7) funcionam como uma espécie de catarse, depois de resolvidos os vários enigmas da história. Por esta altura sabemos já que Violeta morreu (dúvida suscitada no episódio 1 e seguintes), a causa da morte (revelada no episódio 5) a falha nos vários momentos do acolhimento (episódios 2 a 4) e as complicações para a realização do funeral e reconhecimento do corpo (episódio 5).

Nos episódios 6 e 7 emerge um novo enigma que é também criado nos primeiros episódios, quando o jornalista e vários técnicos dão a entender que Violeta foi vítima de violência, física e mental, por parte da sua própria família na Roménia. É com base neste desafio que os últimos dois episódios giram em torno da família desta mulher, escutando os pais, que recusam a gravação da entrevista (e por isso nunca ouvimos as suas vozes) e do irmão que concede uma entrevista ao jornalista, motivando um sétimo episódio da série que não estava inicialmente previsto. Estes episódios têm também a particularidade de decorrerem num outro momento temporal, cinco anos depois da morte de Violeta.

Quadro II – Títulos, duração e breve descrição dos episódios

Episódios	Título	Duração	Breve descrição
1	A chegada	29, 35 mn	O episódio começa com a descrição de um cenário onde um corpo é encontrado inanimado numa rua de Lisboa. Esta descrição, lida sobre um trecho sonoro, transmite emoção e deixa em suspense o ouvinte pois em momento algum se percebe o que se passou com aquele corpo. Sabemos que se trata de uma mulher, que tem um passaporte romeno com um nome que não coincide com o seu género. Sabemos que se trata de Violeta, um nome fictício para esta reportagem. O episódio prossegue com uma variação temporal para o passado dando seguimento à investigação jornalística que procura explicações para o que ali se passou.
2	O sistema	29,58 mn.	Violeta é uma mulher transsexual. Fugiu da Roménia na tentativa de recomeçar uma nova vida em Portugal, mas o pedido de asilo é mais complexo do que o esperado. O episódio gira em torno de um conjunto de burocracias e interpretações jurídicas que acabam por tornar muito difícil a ajuda a esta mulher. O episódio cria uma sensação de corrida contra o tempo, na tentativa de contornar as questões legais e

			burocráticas e encontrar um local para Violeta pernoitar e não ficar na rua.
3	Quando se fecha uma porta e se fecha uma janela	44,21 min.	Ainda no momento anterior ao cenário descrito no primeiro episódio, o terceiro gira em torno de um “plano B” para impedir que Violeta permaneça na rua. É encontrado um local onde a mulher vai pernoitar, mas que acaba por não correr como desejado. Neste episódio há, no final, um breve recuo ao cenário do primeiro episódio, quando é referido que Violeta vai deixando de dar notícias aos técnicos que a acompanhavam. O jornalista deixa propositadamente este ponto sem desenvolvimento.
4	A Roménia	53,59 mn.	O episódio começa com a referência a um telefonema da polícia informando que Violeta está hospitalizada em estado grave, mas este aspeto é deixando em suspense. O episódio decorre na Roménia, onde o jornalista procura saber como a comunidade LGBTQI+ é vista e quais as políticas nacionais para a inclusão destas pessoas. Violeta é uma cidadã romena. Foi de lá que fugiu. O repórter segue as pisadas e procura explicações sobre os direitos LGBTQI+ naquele país da EU. Este episódio tem duas versões: a original e a dobrada.
5	A Partida	40, 17 mn.	Começa com o retomar do cenário do 1º episódio. Depois de encontrado o corpo, dá conta da entrada no hospital. Neste episódio sabemos que Violeta morreu. Jornalista: “Amanhã, o último dia de Violeta”. A demanda da história passa agora por saber a causa da morte, que se percebe que foi devido a hemorragias devido a autoflagelação. Mais tarde, a técnica da ILGA, Marta Ramos, já fala em suicídio. Resolvida esta questão, a demanda passa a ser a procura por respostas que expliquem porque o corpo de Violeta só foi enterrado 1 ano e quatro meses depois da sua morte.
6	A família	39,31 mn.	Este episódio decorre no presente. Cinco anos depois da morte, o jornalista procura resposta junto da família de Violeta, na Roménia. Jornalista: “(...) Está na altura de voltarmos à Roménia e encontrar a família de Violeta”. No episódio, o jornalista autor do podcast, socorre-se da ajuda de uma jornalista romena para o ajudar na investigação na Roménia. O episódio aborda as dúvidas e incertezas do próprio trabalho jornalístico. O jornalista coloca-se no lugar de protagonista, assumindo um papel ativo e explicativo dos seus anseios e dúvidas perante a realidade que

			<p>contraria alguns dados que julgava certos sobre esta história.</p> <p>Jornalista: “Não previmos este cenário”.</p> <p>O episódio termina com um dado em suspenso. No regresso a Portugal, o jornalista refere que recebeu uma mensagem áudio da jornalista romena, informando-o que o irmão de Violeta quer falar com ele em Lisboa.</p>
7	A campeã	53,59 min.	<p>O último episódio surge inesperadamente. Toda a série é promovida com a informação de que serão seis episódios, mas tal como é admitido pelo próprio jornalista, a investigação jornalística traz surpresas e uma delas é relatada no início deste episódio. Jornalista: “Já esta série estava a caminho final quando uma mensagem surge no meu telemóvel”.</p> <p>O episódio é, pois, baseado, na entrevista que o jornalista faz ao irmão de Violeta, que recupera as memórias que tem da irmã e explica a vivência de ambos ainda na Roménia.</p>

Fonte própria

Os sete episódios estão estruturados de modo sequencial (Quadro III), de forma que o ouvinte só compreenderá o episódio seguinte, se tiver escutado o anterior. As histórias contadas dentro de cada episódio estão, por isso, encadeadas entre si de modo a criar no final uma história maior e globalizante de toda a problemática.

O jornalista encarrega-se de fazer essa transição, lançando um teaser sobre o próximo episódio no final de cada programa, recorrendo a texto e a sons. O episódio seguinte inicia-se com um breve resumo, em pré-genérico, sobre o que se passou anteriormente. Esta prática de introduzir pequenos momentos explicativos da história, no final e no início dos episódios é inspirada na ficção seriada (Kischinhevsky, 2018, p.79).

Quadro III – Estrutura dos episódios

Início	<p>Todos os episódios começam com um breve teaser.</p> <p>Recurso a declarações emitidas em episódios anteriores. Ajudam a recuperar a história/narrativa</p>
Indicativo sonoro (banda sonora)	<p>A banda sonora serve de base para a leitura da introdução do podcast: “Violeta é um podcast original da TSF. A história de uma mulher e de falhas no sistema, numa investigação que cruza 2 países. Eu sou o Filipe Santa Bárbara”</p>
Desenvolvimento	<p>Apresentação das várias versões das fontes de informação utilizadas, com recurso a declarações sonoras, a música, sons de ambiente e silêncios.</p>
Fim	<p>O narrador faz sempre um resumo, conclusivo do episódio. Levanta questões:</p> <p>“No próximo episódio de Violeta”. Recurso a excertos sonoros de testemunhos/declarações do episódio seguinte como forma de criar</p>

	suspense. Não são conclusivos e propositadamente geram incerteza e estímulo.
Créditos	No final, ainda sobre a banda sonora, são lidos os créditos autorais e feita uma referência final de aconselhamento: Jornalista: "Se estiver a precisar de ajuda, seja por questões de discriminação, seja por questões de violência doméstica, há várias linhas de apoio às quais pode ligar. Os contactos estão disponíveis na descrição do episódio, nas plataformas de podcast e em TSF.pt"

Fonte própria

A estrutura de apresentação dos podcasts revela também a adoção de um modelo distinto daquilo que é comum no jornalismo. Ou seja, embora tratando-se de uma reportagem jornalística que explora, como vimos, as técnicas de investigação no jornalismo, o modo como está estruturada inverte a lógica de apresentação da informação. As notícias seguem um modelo de pirâmide invertida na sua apresentação ao público o que significa começar pelo mais importante, por aquilo que aconteceu e que tem mais relevância e, só no final da pirâmide, se contam os contornos dos acontecimentos.

Neste caso que analisamos, é criado suspense descrevendo o cenário de um corpo encontrado na rua, mas sem revelar o que aconteceu. O próprio jornalista vai alimentando este suspense estratégico quando refere, ainda no primeiro episódio, o seguinte:

Jornalista: Mais à frente desta série voltaremos à rua das Amoreiras, mas por agora recuamos ainda mais no tempo para tentar perceber como chegámos até aqui. (Episódio 1).

No primeiro episódio, é lançada a rampa que conduzirá o ouvinte (e a investigação) pelos episódios seguintes. A fala do jornalista, logo a abrir, deixa incertezas sobre o caso ao mesmo tempo que estimula a escuta.

Jornalista: Ainda não é meio-dia quando a normalidade é interrompida na rua das Amoreiras, em Lisboa. Depois do arco, na perspetiva de quem sobe, num dos canteiros com arbustos e uma árvore, um corpo caído no chão vai passando despercebido. É terça-feira. São 11 e 40 do dia 11 de dezembro de 2028. e já ali, no Jardim da Mãe D'água, mesmo ao lado, saem cafés e vida que segue sem notar que a poucos metros um polícia está a dar o alerta para o INEM de barriga para baixo, sem qualquer resposta ao toque e às palavras, uma vítima é alguém da vida. Para já, pouco interessa. Importa levar esta pessoa para o hospital está inconsciente tem as pupilas dilatadas, está em hipotermia. Afinal este mês de dezembro, é seco, mas o frio mantém-se com mínima de 9. A temperatura Máxima do dia fica-se pelos 16°. E sabe-se lá há quanto tempo esta pessoa está ali. O estado de higiene e mau. E o polícia presume logo tratar-se de alguém em situação de sem abrigo. Os indícios também revelam: uma mala preta. Trolley e os sacos estão juntas do corpo caído no chão. Também roupa 2 casacos castanhos e um outro preto desportivo. Ali são também encontrados

3 telemóveis, uma bolsa pequena preta, um Bloco de Notas, um garfo, uma tesoura, um copo de iogurte vazio, algum dinheiro mais ou menos 50 EUR entre notas e moedas. Há também um passaporte romeno, mas o nome que lá está não é o nome desta mulher caída no chão, esta mulher que aparenta uns 30 anos, alta de cabelo comprido, maltratada com vários hematomas visíveis a olho nu sangue na boca. Esta mulher que está entre a vida. Esta mulher... É Violeta.

Esta primeira fala do jornalista, é também o primeiro som que escutamos na série e serve de apresentação da história e da personagem "Violeta". Escutamos esta fala do jornalista antes do indicativo musical do podcast, só depois ouvimos uma explicação sobre o próprio podcast:

Jornalista: "Violeta é um podcast original da TSF. A história de uma mulher e de falhas no sistema, numa investigação que cruza 2 países. Eu sou o Filipe Santa Bárbara e este é o episódio 1" (Episódio 1).

Da mesma forma, é frequente o jornalista deixar parte da história em suspenso, remetendo o seu desenvolvimento para momentos posteriores naquele mesmo episódio ou, em alguns casos, remetendo o seu desfecho para episódios seguintes. É comum expressões utilizadas pelo jornalista tais como:

Jornalista: "...lá iremos..."; "... mas já lá vamos ...", "... isso fica para depois...". "É aqui que Violeta vai dormir... ou tentar. É também aqui que vai ter outro tipo de problemas... mas isto fica para depois" (Vários episódios).

Este tipo de intervenções suscita no ouvinte o desejo de continuar a acompanhar a narrativa e o desenrolar da história. É uma forma, estratégica, de prender o ouvinte ao que está a ser relatado.

Para além do trabalho do jornalista de pesquisa, confronto de fontes, apuramento e exposição de fatos do acontecimento, o jornalista assume um papel de narrador que contribui, ele próprio, para manter a o suspense e a incerteza quanto ao desfecho da história.

O jornalista assume um papel de mestre de cerimónias. É ele que conduz a narrativa em todos os episódios, faz a locução da história e cria os tempos da narrativa em constante diálogo com os ouvintes, criando proximidade com quem escuta (Viana, 2021). São frequentes as interpelações aos ouvintes, como é exemplo este que transcrevemos:

Jornalista: Lembra-se lá atrás, quando Violeta escreveu num dos primeiros emails que só quer ter a sua saúde e uma mãe? Agora é o Patrick que valida a ideia de que a família é uma peça fundamental para ultrapassar as dificuldades quando se é uma pessoa trans (Episódio 4)

Identificamos no podcast "Violeta" intervenções da parte do jornalista na primeira pessoa o que nos permite observar a sua presença na própria narrativa. Ele toma parte da história e deixa isso claro para o ouvinte quando descreve os seus passos, as suas estratégias de ação e as suas opções metodológicas tomadas durante a própria investigação. Ouve-se a conversa entre o jornalista autor do podcast e a jornalista romena que o ajuda na investigação na Roménia. Admitem nervos "sabemos o sítio, mas não sabemos como vamos

ser recebidos. Ou melhor, se vamos ser recebidos”, diz o jornalista quando se encontra em frente à casa dos pais de Violeta. Através de alguns minutos no episódio 6, acompanhamos todo o processo de modo imersivo, como se estivéssemos a ver a aproximação e abordagem à casa da família. O jornalista fala com a jornalista romena em inglês: “Se formos ao supermercado ali, talvez tenhamos a sorte de que alguém a conheça” (Episódio 6).

Em conversa, que escutamos, alinham a melhor estratégia para abordarem a família de Violeta e confessam o receio e a ansiedade do momento. “Continuamos sentados a ganhar coragem para enfrentar a situação (...) Quando acabarmos este cigarro, vamos”, diz o jornalista. Estes diálogos expõem o percurso da investigação, transformando o narrador numa personagem que mostra as suas fragilidades e forças para os ouvintes.

Esta prática vai ao encontro daquilo que Luana Viana (2021) identifica como “metajornalismo” presente neste tipo de produções em podcast, ou seja momentos em que o ouvinte “pode conhecer mais a fundo o processo de apuração e os bastidores da produção da informação e gravação dos podcasts e, como consequência, compreender porque algumas escolhas são feitas em detrimento de outras durante a produção” (Viana, 2021, p.15).

O episódio 6 é um excelente exemplo da participação do jornalista na própria narrativa, não assumindo um papel neutral, mas interpretando aquilo que vivenciou, como se vê no seguinte excerto no final do sexto episódio:

Jornalista: Sobre tudo o que aconteceu e sobre esta história, nunca vamos ter 100% de certezas. Sabemos que em Portugal o sistema falhou. O sistema falhou a Violeta. Quanto ao resto, eu não consigo ter certezas, mas sinceramente, acho que aqui ninguém mentiu. Ambas as partes contaram o modo como vivenciaram os acontecimentos. Contaram que sentiram e como sentiram. Contaram aquela que é a sua verdade (Episódio 6).

A riqueza do episódio 6 quanto ao papel do jornalista nesta série é revelada com outros momentos, nos quais o jornalista assume a sua impotência perante o caso intricado e frustração relativamente à clarificação da investigação, uma vez que nos episódios anteriores é dada a informação de que Violeta teria sido maltratada pela própria família. No entanto, essa não é a impressão com que o jornalista fica depois de conversar com os pais. E essa incerteza é revelada no podcast. A sua investigação jornalística, não sendo posta em causa, revela as suas limitações através da voz do próprio jornalista, indo ao encontro de uma abordagem pessoal e subjetiva que Bird (2025) considera ser cada vez mais frequente nos podcasts de informação, nos quais os jornalistas frequentemente “appear as “characters”, offering insights into the reporting process and their emotional state” (Bird, 2025, p.1).

Sem imagens, a narrativa sonora faz uso dos elementos expressivos que a compõe: a palavra, a música, os sons de ambiente e o silêncio (Balsebre, 2004), tal como referimos anteriormente. O podcast, tratando-se na sua essência de comunicação sonora, renova estas formas de expressão dando-lhes um novo contexto produtivo e de difusão através do espaço digital.

Uma das funções do som na rádio é, segundo Armand Balsebre (2004), a sua capacidade para reconstruir e descrever ambientes reais através da utilização de efeitos sonoros captados na realidade e que, quando

utilizados em conjunto com a palavra, permitem criar uma redundância positiva que ajuda o ouvinte a assimilar a mensagem e atribuir-lhe verosimilhança.

Não obstante este novo ecossistema, é através das formas expressivas sonoras que se constrói a narrativa no podcast, seja de ficção ou jornalístico, como é o caso daquele que aqui analisamos.

La palabra es el elemento privilegiado, el ritmo su pilar indispensable, y los ruidos elementos complementarios susceptibles de crear valores expresivos, la musica um valor integrante estrechamente coherente con el desarrollo del drama; y entre estos sonidos el silencio (Balsebre, 2004, p. 177).

Ao longo dos sete episódios da série, a presença desses elementos sonoros está bem evidente e permite guiar o ouvinte pela história que é contada, gerindo os ritmos do drama, sinalizando os momentos de climax da trama ou introduzindo-nos a informações mais fatuais, necessárias para se perceber o desenvolvimento daquilo que está a ser relatado e gerando uma condução emocional da história (Viana, 2021).

A palavra é, naturalmente, o elemento mais frequente, seja lida pelo jornalista que conduz a investigação e estabelece a ligação entre os vários momentos da história, seja com o muito frequente recurso à palavra do outro, pois é preciso termos sempre presente que “Violeta” é um podcast de investigação jornalística e como tal a introdução de trechos e de declarações sonoras das fontes de informação é fundamental para credibilizar a mensagem. São escutados ativistas, membros de associações/organizações envolvidos no caso Violeta, políticos europeus (na passagem por Estrasburgo), casos de vítimas (caso de um homem trans romeno, na passagem pela Roménia).

Assim, encontramos no podcast a palavra na forma de discurso direto e indireto. No primeiro caso, o mais frequente, quando o jornalista e as fontes de informação entrevistadas intervém. O discurso indireto é menos frequente e surge quando o jornalista reporta algo que apurou e sobre o qual não tem declarações. O modo dialógico, conversacional, é muito frequente já que ao longo dos sete episódios, há longos momentos de entrevista e até de conversa entre o jornalista e as suas fontes, como sucede no episódio 6, em que o jornalista conversa (não na forma de entrevista) com uma outra jornalista romena a quem recorre para o ajudar na investigação na Roménia. A conversa (em inglês e aqui traduzida livremente) passa-se quando chegam ao local onde se situa a casa dos pais de Violeta:

Jornalista: Talvez mudemos a nossa estratégia?

Jornalista romena: Yeah. Não imaginava que fosse tão pequena. Ou, pelo menos, imaginava que fosse uma aldeia romena mais tradicional e vulnerável, por isso, sim, eu acho que há a possibilidade de as pessoas se conhecerem (...) por isso, sim concordo com a estratégia do telefonema (...)

Jornalista: Yeah!

(Episódio 6)

No entanto, o modo dialógico tem a sua expressão mais frequente nas muitas entrevistas de que o podcast é feito. O último episódio é um excelente exemplo dessa presença de entrevista, já que é quase todo ocupado com a entrevista realizada ao irmão de Violeta.

O repórter faz frequentes descrições dos ambientes do acontecimento, como é exemplo este que resulta de uma conversa/entrevista com um homem trans romeno:

“[Som de uma campainha ao fundo].

Jornalista: A campainha toca. É o estafeta a entregar o combustível desta conversa tardia. Cervejas, coca-colas para juntar ao rum. E voltamos ao tema da lotaria” [Ouve-se como som de ambiente a bebida a cair no copo] (Episódio 4).

No papel de condutor do episódio, o jornalista introduz uma segunda voz, de outra jornalista, que apresenta dados que complementam a informação que está a ser fornecida. Isso acontece no episódio 4, quando outra jornalista nos informa sobre o relatório de discriminação da comunidade LGBTQI+ na União Europeia, fornecendo dados em relação a Portugal e à Roménia. A introdução de segundas vozes é também utilizada para a reconstituição de diálogos dos quais não existem sons originais.

A presença de sons de ambiente é a forma que a comunicação sonora utiliza para criar espaços, dada a inexistência de imagens. O carácter invisível da linguagem sonora é assim contornado com o recurso a sonoridades que existem na realidade (no caso de produções jornalísticas) ou criados artificialmente (no caso de obras de ficção), permitindo deste modo gerar nos ouvintes aquilo a que a literatura sobre os estudos da rádio e da comunicação sonora designam por imagens mentais (Soengas, 2003, Balsebre, 2001). A utilização de sons de ambiente no podcast “Violeta” transporta os ouvintes para os espaços onde a ação decorre. O som do avião é colocado quando o jornalista (e a narrativa) se move para a Roménia. O som do travão de mão ouve-se quando o jornalista pára o automóvel em frente à casa dos pais de Violeta. Ouvimos ruídos da cidade, sempre que a ação decorre na rua, entre muitos outros que encontramos ao longo dos sete episódios e que ajudam a criar o cenário da ação, muitas vezes como complemento da palavra usada pelo jornalista para descrever os locais.

Os sons criados artificialmente estão também presentes em determinados momentos da narrativa com o objetivo de dramatizar a ação. Ouvem-se batidas do coração quando se sabe da morte de Violeta. Ouve-se um trovão no mesmo momento aumentando a intensidade dramática.

A música é uma das grandes apostas deste podcast. Foi criada de origem para esta série e serve de abertura de todos os episódios. É sobre ela que o jornalista, na qualidade de narrador, apresenta o enredo daquilo que vai ser tratado no episódio e é também sobre ela que termina cada episódio, lançando a trama do próximo. A banda sonora é frequentemente utilizada para criar cenários e intensidade dramática e “para evocar sentimentos –afeto, medo, raiva –e sensações –suspense, alegria” (Kischinhevsky, 2018, p.79). A música sinaliza o climax de uma ação, como quando no primeiro episódio é descrito o cenário do corpo de Violeta encontrado na rua, ou o relaxamento, quando durante a entrevista ao irmão de Violeta, este reconhece o drama na família e lhe atribui o epíteto de campeã e de uma pessoa cheia de coragem, mostrando vulnerabilidade e comoção pela perda da irmã. A música, mais tranquila, sinaliza também frustração pela falta de respostas da investigação, como é exemplo o momento em que a jornalista romena se apercebe da complexidade do caso após a conversa com os pais de Violeta:

Jornalista romena: Foi uma noite de coração partido, mas (pausa, seguida de uma longa respiração) ... estiveste lá e a tua intuição é que são boas pessoas e isso é uma coisa que sentes

pelo tom da voz, pelo modo como olham para ti (pausa) pelo modo como eles tentam encontrar as palavras (pausa) é que ... (pausa) parte-nos o coração e mexe com a tua cabeça (Episódio 6 – tradução livre a partir do original em inglês).

É também neste momento da entrevista, que encontramos vários espaços de silêncio na narrativa. Esses silêncios representam as pausas no discurso do irmão durante a entrevista e são reveladores da frustração e da tristeza pela situação vivida por Violeta. Essas pausas, de indignação e de impotência são ainda mais evidentes na fala de uma das técnicas que acompanhou Violeta. O silêncio com enormes pausas no discurso denota desencanto e impotência (não foi possível corresponder às expectativas de uma pessoa que pediu ajuda), perplexidade (porque a sociedade e as políticas públicas não são suficientes para ajudar estas pessoas, trans, emigrantes), sofrimento (porque viram alguém que acompanharam e com quem se relacionam, tentando ajudar, acabou por falecer de forma trágica) por todo este caso.

Conclusão

Procurámos no presente estudo perceber quais as potencialidades do podcast para a criação de conteúdos jornalísticos áudio diferenciadores dos que são produzidos historicamente pelo meio radiofónico. Seguimos metodologicamente o contributo de Lopez e Alves (2019) relativamente à análise de podcasts narrativos e seriados, evidenciando o carácter narrativo, jornalístico e a dimensão acústica/sonora.

A escuta dos sete episódios do podcast "Violeta" permitiu-nos confirmar que estamos perante um trabalho jornalístico (Q1) na medida em quem aborda um tema real e socialmente relevante, apresentando fatos e opiniões de fontes e que resultam do trabalho de investigação jornalística elaborado pelo jornalista. A análise da série podcast permite-nos, igualmente, concluir que o podcast se apresenta como uma renovação do jornalismo sonoro, antes ancorado à rádio, pois permite com mais liberdade temporal e criatividade narrativa produzir trabalhos de investigação jornalística que potenciam o som e aproveitam novas formas de aceder aos conteúdos atingindo novas audiências.

Por outro lado, tal como equacionámos, sem as limitações da temporalidade, o podcast tem a vantagem de conseguir criar narrativas sonoras fazendo uso da expressividade da comunicação com o som, mais aprofundadas e imersivas e seguindo um modelo próprio das séries de ficção, por episódios que se seguem e cuja compreensão da história depende uns dos outros.

Meier, Schützeneder, García-Avilés, Hernández e Pastor (2022) defendem que o crescimento dos podcasts jornalísticos se devem, sobretudo, ao seu carácter de inovação, não apenas naquilo que o podcast representa em termos de meio sonoro, mas porque permite ao jornalismo apresentar produtos e conteúdos diferenciadores e com capacidade de atração de novos públicos. A série "Violeta" cumpre estas características ao afirmar-se como um espaço de investigação jornalística diferenciador no contexto, quer da rádio que o produziu, quer mesmo do cenário radiofónico português, ainda que este tipo de trabalhos comecem a surgir com mais frequência.

A série de episódios "Violeta" assegura a continuidade (Q2) do relato e aprofunda as personagens, os ambientes onde decorreu a ação contextualizando a temática abordada, permitindo, deste modo, aprofundar o trabalho jornalístico que é apresentado para os ouvintes.

Isso ficou claro no caso que aqui analisamos. "Violeta" é um podcast com sete episódios encadeados entre si e com uma duração nunca inferior a 25 minutos, o que permite aprofundar a temática abordada, dar espaço para a intervenção dos protagonistas, criar uma narrativa sonora esteticamente mais agradável com frequente recurso a silêncios, a sons de ambiente e à música, criada de origem para este propósito (Q4).

O podcast tem, segundo esta perspectiva, enormes potencialidades ao nível da contextualização dos temas, aprofundamento das temáticas, diversidade e pluralidade na transmissão de várias visões do mesmo acontecimento/problemática. Fornece, assim, um contributo para a reportagem e investigação jornalística que vai para além da superfície e dos constrangimentos impostos pela atualidade e pelo tempo.

O caso que aqui analisámos mostrou ainda como este formato narrativo gera uma proximidade com os ouvintes, não apenas pelo interesse suscitado pela própria história, mas pelo papel do jornalista/narrador que cria espaços sonoros de proximidade com a audiência, ora interpelando-a "Lembra-se quando referi...", estimulando a sua escuta "Mas, isso terá de ficar para depois..." ou mostrando as fraquezas/limitações do trabalho de investigação jornalística, desmistificando a ideia do jornalista altivo e sem limitações (Q3). Esta perspectiva vai ao encontro daquilo que (Bird, 2025) refere quando afirma que os podcasts jornalísticos tendem a seguir uma perspectiva pessoal e subjetiva do próprio jornalista.

Partindo da análise de um caso concreto, a série "Violeta", consideramos que o podcast, enquanto formato para a narrativa sonora jornalística, pode contribuir para a criação de produtos jornalísticos de qualidade e que tenham na sua base a investigação e a reportagem, ajudando assim a expandir a marca jornalística e a chegar a diferentes públicos.

Referências Bibliográficas

- Berry, R. (2016) Part of the establishment: Reflecting on 10 years of podcasting as an audio medium. *Convergence: The International Journal of Research into New Media Technologies*. Vol.22(6). 661–671. <https://doi.org/10.1177%2F1354856516632105>
- Berry, R. (2015) A Golden Age of Podcasting? Evaluating Serial in the Context of Podcast Histories. *Journal of Radio and Audio Media*, 22 (2). 170-178. <http://sure.sunderland.ac.uk/id/eprint/6524/>
- Bird, D. (2025). Democratic Podcasting: Mediating Subjectivity in Constructive Audio Journalism Practice. *Journalism Practice*. <https://www.tandfonline.com/doi/epdf/10.1080/17512786.2024.2448762?needAccess=true>
- Bonini, T. (2015). The Second Age of Podcasting: reframing podcasting as a new digital mass médium. *Quaderns del CAC*, 41, vol. XVIII. 23-33. <https://www.researchgate.net/publication/281207319> The Second Age of Podcasting reframing podcasting as a new digital mass medium
- Bonixe, L. (2012) *A Informação Radiofónica: rotinas e valores-notícia da reprodução da realidade na rádio portuguesa*. Livros Horizonte.

- Bonixe, L. (2021) Potencialidades do podcasting no jornalismo de saúde – uma análise a três podcasts sobre a Covid-19 em Portugal. *Comunicação e Sociedade*. Vol.40. 91-108. <https://revistacomsoc.pt/index.php/revistacomsoc/article/view/3249>.
- Cardoso, G., Paisana, M., Pinto-Martinho, A., (2024). *Digital News Report Portugal 2024*. <https://www.obercom.pt/digital-news-report-portugal-2024/>
- Coelho, P. & Silva, M.T. (2021) A Resistência do jornalismo de investigação. O potencial da aliança estratégica entre o jornalismo e a academia: Estudo de caso do projeto "A Grande Ilusão". In Amaral, I. & Correia, J.C. (org.). *De que falamos quando dizemos "Jornalismo"? Temas emergentes de pesquisa*. 25-52. https://run.unl.pt/bitstream/10362/126517/1/202109091508_202108_temasemergentespesquisajornalismo_jcorreiaamaral_25_52.pdf
- Dowling, D. & Miller, K. (2019). Immersive Audio Storytelling: Podcasting and Serial Documentary in the Digital Publishing Industry. *Journal of Radio and Audio Media* 26 (1): 167–184. <https://www.tandfonline.com/doi/epdf/10.1080/19376529.2018.1509218?needAccess=true>
- Katzenberger, V. Keil, J. & Wild, M. (2025). The Podcast Revolution? Exploring Journalistic Pioneers Beyond Legacy Media. *Journalism and Media* 2025, 6(1), 20; <https://doi.org/10.3390/journalmedia6010020>
- Kischinhevsky, M.(2018). "Rádio em episódios, via internet: aproximações entre o podcasting e o conceito de jornalismo narrativo". *Revista de la Asociación Española de Investigación de la Comunicación*, vol. 5, número 10, pp. 74-81. <http://www.revistaaic.eu/index.php/raeic/article/view/148/153>
- Kovach, B. & Rosenstiel, T. (2004). *Os Elementos do Jornalismo*. Porto Editora.
- Lindgren, M. (2023) Intimacy and Emotions in Podcast Journalism: A Study of Award-Winning Australian and British Podcasts, *Journalism Practice*, 17:4, 704-719, DOI:10.1080/17512786.2021.1943497
- Lindeberg, A. (2019). *So You Have a Podcast? What broadcasters and newspapers are doing with new forms of audio*. Reuters Institute. <https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/our-research/so-you-have-podcast>.
- Lopez, D. & Alves, J. (2019). Apontamentos metodológicos para a análise de podcasts seriados. <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2019/resumos/R14-0147-1.pdf>
- Martínez-Costa, M.P.; Amoedo-Casais, A.; Moreno-Moreno, E. (2022). The value of podcasts to journalism: analysis of digital native media brands' offerings, production and publishing in Spain. *Profesional de la información*, v. 31, n. 5, e310503.<https://doi.org/10.3145/epi.2022.sep.03>
- Meditsch, E. (1999). *A Rádio na Era da Informação*. Minerva.
- Meier, K, Schützeneder, J., García-Avilés, J.A., Hernández, M., Pastor, J., (2022). Examining the Most Relevant Journalism Innovations: A Comparative Analysis of Five European Countries from 2010 to 2020. DOI:10.3390/journalmedia3040046
- Newman, N. (2023). *Reuters Institute Digital News Report 2023*. [https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/sites/default/files/2023-06/Digital News Report 2023.pdf](https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/sites/default/files/2023-06/Digital%20News%20Report%202023.pdf)

- Paisana, M., Cardoso, G. & Couraceiro, P. (2024). Platforms as audio discovery ecosystems: What Spotify's podcast rankings tell us about the way platforms appropriate the format, *Communication & Society*, 37(4), 91-106. <https://doi.org/10.15581/003.37.4.91-106>
- Piñeiro-Otero, T. & Pedrero-Esteban, L.M. (2022). "Audio communication in the face of the renaissance of digital audio". *Profesional de la información*, v. 31, n. 5, e310507. <https://doi.org/10.3145/epi.2022.sep.07>
- Schaffer, M. (1969). *The New Soundscape*. Associated Music Publishers.
- Schudson, M. (2003). *The Sociology of News*. W.W. Norton & Company.
- Traquina, N. (2004). *A Tribo Jornalística – uma comunidade transnacional*. Editorial Notícias.
- Traquina, N. (2001) *O Jornalismo Português em Análise de Casos*. Caminho
- Tuchman, G. (1978). *A Study in the Construction of Reality*. The Free Press.
- Viana, L. (2021). O áudio pensado para um jornalismo imersivo em podcasts narrativos. *Comunicação Pública*. Vol. 16 N.º 31. <https://journals.ipl.pt/cpublica/article/view/72>